



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

DANIEL FERREIRA DE OLIVEIRA

**NA ORDEM DO EMPODERAMENTO FEMININO RELIGIOSO ATRAVÉS D' AS
BRUMAS DE AVALON: O GAMO-REI**

**GUARABIRA
2018**

DANIEL FERREIRA DE OLIVEIRA

**NA ORDEM DO EMPODERAMENTO FEMININO RELIGIOSO ATRAVÉS D' AS
BRUMAS DE AVALON: O GAMO-REI**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2018**

O48o Oliveira, Daniel Ferreira de.
Na ordem do empoderamento feminino religioso através
d'As Brumas de Avalon: [manuscrito] : o Gamo-Rei / Daniel
Ferreira de Oliveira. - 2018.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Discurso de poder. 2. As Brumas de Avalon. 3. Religião
Cristã.

21. ed. CDD 401.41

DANIEL FERREIRA DE OLIVEIRA

NA ORDEM DO EMPODERAMENTO FEMININO RELIGIOSO ATRAVÉS D' AS
BRUMAS DE AVALON: O GAMO-REI

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovado em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Àquela que trouxe em seu seio o Senhor criador do mundo, a minha Senhora, meu bem, meu amor e Rainha do meu coração, a Santíssima Virgem Maria, por sempre estar comigo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Antes de todas as coisas, à Deus, por se revelar sempre o meu socorro e auxílio em todas as necessidades, pois, a sua presença ao meu lado tem me dado força.

À Santíssima Virgem Maria, a quem entreguei toda a minha vida e que jamais me desampara ou me abandona.

Ao Grupo de Jovens Só Por Ti Jesus por todo o companheirismo e orações dirigidas em meu favor.

Ao professor Rafael Francisco Braz por todas as leituras sugeridas ao longo dessa orientação, por sua dedicação como educador e por seu empenho na melhor formação de seus alunos.

Ao meu pai Severino e minha mãe Raimunda pela compreensão por minha ausência em encontros de família e por todo apoio em minha formação.

Ao sacerdote de minha paróquia, Pe. Demétrio de Moraes, por todo apoio em minha formação e pela compreensão.

Aos secretários do curso de Letras da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“O poder é tolerável apenas quando este mascara uma parte substancial de si mesmo. Seu sucesso é proporcional a sua habilidade de esconder seus próprios mecanismos.”
FOUCAULT (*apud* Barker e Cheney, 1994, p.27)

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	06
2	MARION ZIMMER BRADLEY - VIDA E OBRA.....	09
3	CONCEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	10
3.1	Os elos entre Paganismo e Cristianismo.....	13
4	MORGANA, GWENHWYFAR E O DUELO DAS RELIGIÕES.....	15
4.1	O discurso de interdição.....	17
4.2	As relações de poder.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS.....	21

NA ORDEM DO EMPODERAMENTO FEMININO RELIGIOSO ATRAVÉS D' AS BRUMAS DE AVALON: O GAMO-REI

Daniel Ferreira de Oliveira*

RESUMO

Analisar discurso, é buscar identificar e, ao mesmo tempo, compreender as ideologias implícitas em determinada produção discursiva. Todo discurso está dotado de interpelações pessoais que são deixadas, naturalmente, enquanto se fala ou se escreve sobre algo. Neste campo de pesquisa, há a possibilidade de pesquisar sobre discursos reais proferidos por pessoas, por exemplo, políticos, jornalistas, etc., assim como, os discursos das personagens em se tratando do campo da literatura. Propomos neste Trabalho de Conclusão de Curso, analisar e interpretar os discursos de poder das personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* no romance “*As Brumas de Avalon: o gamo-rei*” de Marion Zimmer Bradley, sobre o Rei Artur, no que se refere ao discurso de empoderamento religioso da antiga religião de Avalon pela personagem *Morgana*, e da religião cristã pela personagem *Gwenhwyfar*. Nossa fundamentação teórica baseia-se em nos trabalhos de Foucault (1996), Maingueneau (2015), Revel (2005), Campbell (1990) e Barros (2001). A análise nos mostrou que no texto da Marion, que de acordo com nossas deduções iniciais, em todo o romance há uma disposição por parte das personagens em afirmar a sua religião e sua crença no reino da Bretanha, entretanto, a religião cristã obtém êxito, em virtude da força de persuasão da personagem *Gwenhwyfar* sobre o Rei Artur e, assim, o reino de *Camelot* é efetivado como cristão e a antiga religião de Avalon é, profundamente, enfraquecida.

Palavras-chave: Discurso de poder. As Brumas de Avalon. Religião Cristã.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura tem sido, ao longo dos anos, uma expressiva fonte de estudo para os pesquisadores, principalmente, com o surgimento do romance, que através das personagens representam as relações sociais e as intenções discursivas da humanidade. Por meio dos textos literários e da Análise do Discurso torna-se possível fazermos uma investigação cada vez mais detalhada dessas interações entre o texto e o seu meio social através de contexto.

É na interação entre os sujeitos, na troca de saberes e informações muitas vezes retratadas pelas personagens ficcionais nos romances, que os problemas e os conflitos sociais vão emergindo à medida que o leitor vai se deparando com tais situações conflituosas, sejam elas: políticas, sociais e/ou ideológicas terminam assumindo certo, posicionamento, e rejeitando outras formas de pensamento.

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: danielferreiraboy10@gmail.com

Nessa linha de raciocínio, muito daquilo que dizemos saber e/ou conhecer nossas ideologias e nossos discursos que proferimos são, portanto, resultados das influências que recebemos, desde criança, nos espaços sociais em que vivemos e que, ao decorrer dos anos, fomos impulsionados e moldados a compreendê-los, sendo que muitas concepções adotadas nem sempre são bem esclarecidas no curso da vida.

É, indiscutível, que dentro dos espaços sociais estão presentes as relações de poder, que consiste em um sujeito buscar a todo tempo coagir o outro a adotar o seu pensamento e vice-versa e essa luta incitante de conseguir algo que ainda não possui passa despercebida aos nossos olhos, principalmente, pela nossa falta de criticidade e pelo fato da sociedade construir e investir cada vez mais em pessoas alienadas.

Vivemos numa época em que o comodismo toma conta da sociedade e a ideia de verdade única cresce a cada dia. Quando um pensamento novo surge ou algo sigiloso é desmascarado, logo, se encontra um jeito de desaparecer com as informações para que classes sociais envolvidas retomem o controle e permanecem com as suas concepções de verdade, visto que nem todo mundo está preparado a receber mudanças.

A necessidade de conhecer a verdade por trás dos discursos que são proferidos na sociedade e, assim, poder entender melhor o convívio social nas suas diversas esferas, assim como também tentar buscar soluções para os conflitos que vão surgindo é o que movimenta nossas vidas quanto pesquisadores, além do que, é necessário analisar os diferentes pontos de vista para poder avaliar com conhecimento de causa.

Analisar discurso, é buscar identificar e, ao mesmo tempo, compreender as ideologias implícitas em determinada produção discursiva. Todo discurso está dotado de interpelações pessoais que são deixadas, naturalmente, enquanto se fala ou se escreve sobre algo. Neste campo de pesquisa, há a possibilidade de pesquisar sobre discursos reais proferidos por pessoas, por exemplo, políticos, jornalistas, etc., assim como, os discursos das personagens em se tratando do campo da literatura.

Considerando toda a produção existente acerca da vida do Rei Artur narrado por figuras masculinas, neste trabalho, teceremos nossa análise da lenda do Rei Artur a partir dar ordem do olhar feminino que tiveram um papel central nesta narrativa. Deteremos a nossa pesquisa, exclusivamente, na obra "*As Brumas de Avalon: o gamo-rei*" de Marion Zimmer Bradley que é o terceiro volume da série, a qual tomamos como *corpus* deste trabalho.

Nessa linha de pensamento, nos propomos neste Trabalho de Conclusão de Curso, analisar e interpretar os discursos de poder das personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* no romance "*As Brumas de Avalon: o gamo-rei*" de Marion Zimmer Bradley, sobre o Rei Artur,

no que se refere ao discurso de empoderamento religioso da antiga religião de Avalon pela personagem *Morgana*, e da religião cristã pela personagem *Gwenhwyfar*.

O romance “*As Brumas de Avalon*” foi escrito em 1983 e este consiste em uma recriação das lendas arturianas na perspectiva de arquétipos femininos, sendo considerada a obra mais conhecida da autora. A obra, foi dividida pela escritora em quatro volumes cujo vem se debruçar, sobretudo, na influência das religiões pagã e cristã, e do papel das mulheres na formação da Bretanha.

Nessa perspectiva, as personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* travam uma guerra fria para garantir o poder sobre o Rei Artur, cada qual no objetivo de afirmar a sua religião sobre o Rei, tendo em vista que a religião do soberano seria rapidamente difundida por toda parte e, assim, suas crenças seriam reafirmadas e seguida por todo o reino e nos reinos vizinhos, visto ser o rei Artur querido e respeitado por toda a região da Bretanha.

É, nesse contexto, das relações de poder e do empoderamento religioso das personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* sobre o Rei Artur e de como ocorria esse processo na obra “*As Brumas de Avalon: o gamo-rei*” de Marion Zimmer Bradley, que nos levou a esta pesquisa. A começar por observar a obra em questão e, em seguida, analisar os discursos destas personagens na narrativa.

Baseados nos trabalhos de Michel Foucault (1996), Dominique Maingueneau (2015), Judith Revel (2005), Joseph Campbell (1990) e Maria Nazareth Alvino de Barros (2001) trataremos de elucidar as relações de poder das personagens *Morgana*, irmã de Artur, também conhecida como Morgana das Fadas e *Gwenhwyfar*, esposa do Rei Artur e rainha da Bretanha menor, no que consiste o conflito travado entre as religiões, a primeira representando a velha religião de Avalon, ou religião dos celtas pagãos, e a segunda o cristianismo.

Esta pesquisa encontra-se dividida nas seguintes partes: O primeiro tópico nomeado “*Marion Zimmer Bradley – Vida e obra*”, que traz uma breve apresentação da autora em seu contexto biográfico. Tendo em vista partir para os estudos e análises com presteza, não nos aplicamos a uma descrição minuciosa da autora, mas, trazemos apenas os seus aspectos mais relevantes.

No segundo tópico intitulado “*Conceito da Análise do Discurso*” abrange o aparato teórico utilizado em nosso trabalho, assim como, as definições e as delimitações do foco deste artigo, à fim de que, bem fundamentados, possamos unir a teoria à prática da análise do discurso. Neste tópico, também, apresentamos os modelos de análise crítica e as relações de poder.

Por fim, no terceiro tópico intitulado “*Morgana, Gwenhwyfar e o duelo das religiões*” procuramos apresentar as análises do nosso trabalho sobre os discursos das personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* na obra “*As Brumas de Avalon - o Gamo-Rei*” de Marion Zimmer Bradley, onde unimos à teoria à prática da Análise do Discurso e podemos traçar os caminhos para o êxito das abordagens deste artigo.

Portanto, temos nossas considerações finais com uma síntese do que foi exposto neste Artigo Científico, assim como, as nossas impressões acerca do desenvolvimento deste trabalho a partir da observação dos pensamentos dos teóricos que nos detemos a pesquisar. Em seguida, apresentamos todas as referências utilizadas para que este trabalho fosse desenvolvido.

Nesta presente pesquisa, buscamos, pois, elucidar, por meio da Análise do Discurso, como as relações de poder estão presentes em todas as sociedades e que essas relações permanecem vivas ao longo dos anos. Por meio desse trabalho, podemos sair do superficial e adentrar mais, profundamente, nas verdadeiras intenções de cada discurso.

A realidade vivenciada pelas personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* tratam na verdade de uma luta em busca do reconhecimento e fortalecimento de sua crença, não muito diferente do que presenciamos nos dias atuais no que se refere a nossa política, a nossa cultura e a nossa forma de ver o mundo. Vivemos em um mundo de comparações, cuja uma atitude, um momento é mais bem visto que o outro, onde uma luz é preciso se apagar para que a outra brilhe e, assim, vão surgindo às divisões, que tanto interfere à vida das pessoas.

2 MARION ZIMMER BRADLEY – VIDA E OBRA

A escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley nasceu no dia 03 de Junho de 1930 e faleceu no dia 25 de Setembro de 1999. Foram 69 anos de muita contribuição para a literatura de ficção científica, assim como para a voz feminina das personagens que em muitas obras vinham sendo esquecidas. Marion, destacou-se por conseguir juntar ficção, história e romance dentro de um mesmo enredo com desfechos impressionantes.

Como acontece com a maioria dos escritores, a Marion Zimmer Bradley, não esperava que suas produções rendessem tanta publicidade e, por muitas vezes, escreveu apenas para abancar seus estudos. No entanto, era inegável que tudo que a escritora publicava ganhava em poucas semanas uma grande quantidade de leitores apreciadores de suas ideias e que aguardavam com anseio suas próximas obras.

Com um destaque especial pelas personagens mulheres em um curto período de tempo, Marion passou a exercer uma grande participação no quadro dos grandes autores consagrados, principalmente, por resgatar histórias antigas recontadas de maneira inigualável como o ciclo artuniano trazido no romance *“As Brumas de Avalon”*, obra que lhe proporcionou permanecer durante três meses na lista dos *“beste sellers”* do New York Times.

O romance *“As Brumas de Avalon”* foi escrito em 1983. Este consiste em uma recriação das lendas arturianas na perspectiva de arquétipos femininos, sendo considerada a obra mais conhecida da autora. A obra foi dividida pela escritora em quatro volumes cujo vem se debruçar, sobretudo, na influência das religiões pagã e cristã, e do papel das mulheres na formação da Bretanha.

Entre seus livros mais famosos estão *Presságio de Fogo* (1987), *A Casa da Floresta* (1983), a série *Darkover* (1972), e *As Brumas de Avalon* (1983) que é considerada a mais apreciada pelos leitores e críticos de suas obras, pois, com este romance ela conseguiu reconstruir a mitologia acerca da terra de Avalon, além da reencarnação de grandes personagens como o Rei Artur e suas lendárias histórias.

Seu fascínio pela ficção científica levou-a a escrever a série *“Darkover”* um planeta nunca explorado com seres capazes de controlar a mente humana., já em *“Presságio de fogo”* a autora nos convida a reviver a guerra de Tróia sendo que de uma perspectiva feminista. O universo mítico dos druidas, também, esteve presente em seus escritos, na obra *“A casa da floresta”*, desta vez em um confronto com o Império Romano.

3 CONCEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do discurso surgiu na França por volta da década de 1960 e tem como principal objeto de estudo a materialidade discursiva da linguagem que estar relacionada às interações sociais, políticas, econômicas e culturais, assim, esta disciplina busca interpretar e, ao mesmo tempo, compreender situações que envolvem a língua, a sociedade e os conhecimentos construídos dentro de cada realidade discursiva através de um contexto, pois segundo Dominique Maingueneau (2015),

A situação dos “discursistas”, dos especialistas em discurso, está longe, então, de ser confortável. Eles têm de fazer um esforço constante para não reduzir o discursivo ao linguístico ou inversamente, para não deixá-lo ser absorvido pelas realidades sociais ou psicológicas. Essa posição constitutivamente desconfortável não deixa de evocar o estatuto singular da filosofia. Não por acaso alguns dos principais inspiradores da análise do discurso são filósofos, ou pensadores que não podem ser encerrados em uma disciplina. (MAINGUENEAU, 2015, p. 31).

Então, não se trata, simplesmente, de um estudo da língua ou de sua estrutura como fazem os gramáticos, mas sim, estudar a língua enquanto ao fazer sentido, lavando-a em consideração a linguagem como um processo de interação do sujeito e a sociedade, sendo assim, a Análise do Discurso nasce enquanto ciência para desvendar, explicar e abranger aquilo que existe por trás dos enunciados e das demais formas de dizeres, que estão carregados de ideologias.

Todos os seres humanos são caracterizados com uma particularidade que não compete aos outros seres vivos: o ato de se utilizar da materialidade linguística como meio de interação social, assim como, a capacidade de materializar discursos à fim de expor, sistematicamente, sobre determinados assuntos causando no receptor alguma reação que implica diretamente na aceitação ou não do discurso proferido.

Todo discurso materializado está dotado de ideologia e possui em sua própria natureza um objetivo a ser alcançado. Nenhuma palavra é dita por acaso e desvendar aquilo que trazemos em nossa vida enquanto padrões ou ideias adquiridas na vida social, ou ainda, aquilo que se encontra reprimido em nosso inconsciente, como é o caso dos estudos da Psicanálise iniciadas por Sigmund Freud (1854-1939) não é tarefa fácil.

É importante afirmar que nem toda ideologia de um discurso é percebida, assim, tão facilmente, mas isso não quer dizer que ela não esteja presente. Nesta busca por traçar caminhos para a descoberta da ideologia que todo discurso carrega em si foi que surgiram os estudos de Análise do Discurso, que segundo Dominique Maingueneau (2015), pode se classificar na análise de funcionamentos ou no exercício do poder “crítico” que para autor,

OS ESTUDOS de discurso, tanto quanto o conjunto das ciências humanas e sociais, oscilam entre dois objetivos: analisar funcionamentos e exercer um poder “crítico”. Não falamos de análise “crítica” quando a pesquisa procura, por exemplo, tornar mais eficazes os protocolos terapêuticos no hospital ou lutar contra o fracasso escolar. Para que se possa falar verdadeiramente de “crítica”, é necessário haver a decisão de desvendar interesses que o discurso, por natureza, tentaria dissimular, uma decisão de desmontar processos que abrem caminho à violência, à discriminação, à injustiça. (MAINGUENEAU, 2015, p. 53).

Em outras palavras, o autor defende que para que haja uma verdadeira análise do discurso de forma crítica, é necessário, acima de tudo, a determinação do pesquisador de compreender as entrelinhas de um enunciado oral e/ou escrito, não se prendendo mais exclusivamente ao que foi dito, mas ao que deixou de ser, contudo, que ficou subentendido no próprio discurso onde quer que ele tenha sido materializado.

Os discursos, que estão presentes em todos os espaços da sociedade e se materializam através da fala, escrita e até mesmo de uma imagem, são vistos por muitos autores como um

conjunto de enunciados que controlam o meio social em busca de uma organização comum, ou seja, em sua própria natureza, o discurso tem um papel de domínio sobre a sociedade. Segundo Michel Foucault (1996),

[...] Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a Psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Nesta perspectiva, o ato da análise do discurso vai muito além do que, simplesmente, uma revelação ou ocultação de determinado objeto de desejo, mas a sua mais elevada função é despontar o poder que cada ser humano busca se apoderar nos mais diversos campos sociais, ou seja, toda luta travada discursivamente é pelo estabelecimento da relação de poder de um sobre o outro.

Para Foucault (1996), nunca se deve estabelecer o poder como uma unidade estável, no entanto vale-se do termo relações de poder, pois para ele o poder estando relacionado às condições, só pode existir na ação de uns sobre os outros, onde estes sujeitos envolvidos não são ou estão acentuados em um papel absoluto, mas estão inseridos cada qual em um dos polos da relação. Sobre este conceito de poder, afirma Revel (2005),

[...] se é verdade que não há poder que não seja exercido por uns sobre os outros – “os uns” e “os outros” não estando nunca fixados num papel, mas sucessiva, e até simultaneamente, inseridos em cada um dos pólos da relação -, então uma genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade; se o poder não existe senão em ato, então é a questão do “como” que ele retorna para analisar suas modalidades de exercícios, isto é, tanto à emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que ele se dá, os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele implica numa época dada. (REVEL, 2005, p. 67).

Logo, o exercício do poder com o seu modo de aplicação, os instrumentos de que se utiliza, os campos onde intervém e, sobretudo, os efeitos causados no meio real ou imaginário, vem confirmar a relação indissociável do poder com o ato, visto que estes mecanismos só se tornam concretos na ação, sendo possível neste caso a percepção do polo de poder nos mais diversificados contextos.

Para Foucault (1996), o discurso é um conjunto de enunciados que mesmo pertencendo a campos diferentes obedecem a regras de funcionamento comuns. Através dos discursos o locutor exerce sobre o interlocutor domínio e persuasão, assim, os mecanismos de controle e seleção foucaultianos têm como propósito eleger aquilo que deve ou não ser dito em determinadas circunstâncias a fim de controlar as decisões do outro.

Na análise que nos propomos neste trabalho de conclusão de curso é observamos que as personagens *Morgana* e *Gwenhwyfar* possuem um desejo particular de exercício do poder sobre o Rei Artur, objetivando o fortalecimento cada qual da sua religião no reino da Bretanha visto que, pelos caminhos e crenças opostas das religiões em questão, uma crença extinguiria a outra. Logo, a busca pelo poder na narrativa trata-se de uma questão de sobrevivência da própria religião.

3. 1 Os elos entre Paganismo e Cristianismo

Diferente do que muitos pensam, o Paganismo é uma vertente religiosa e não uma religião, assim como o cristianismo, ou seja, abrange diversas religiões. Trata-se de uma religião politeísta em que a relação do homem com a natureza e a necessidade de compreendê-la faz parte do seu principal culto. O termo pagão é de origem latina “*paganus*” e refere-se as pessoas do campo, os fazendeiros, as pessoas que moravam em vilarejos.

Com o surgimento do cristianismo, o termo pagão foi usado para todos aqueles que não se convertiam ao cristianismo e, logo depois, para todos aqueles que não eram batizados. Nos dias atuais, nós podemos definir como pagão todos aqueles que são politeístas e não ateus. Essa ligação forte com a natureza, faz com que o paganismo eleve o seu culto a Deusa, pois ela é vista como a terra, àquela que germina, educa e fertiliza. Sem ela não há continuidade de vida.

Nas sociedades primitivas, as vertentes religiosas eram em sua maioria politeístas e o culto principal era destinado à deusa, conhecida também como a Mãe-Terra, a progenitora, aquela que cria, amamenta, educa e por fim encaminha seus filhos para a vida. Aconteceu, assim, no Egito com a deusa Nut, intitulada Mãe-Céu, cuja figura da mãe era tida como a entidade de suprema divindade, como afirma Campbell (1990),

Houve sistemas religiosos em que a mãe era o principal progenitor, a fonte. A mãe na verdade é um progenitor mais próximo que o pai, porque o bebê nasce da mãe e o primeiro contato que experimenta é com a mãe. Tenho pensado, muitas vezes, que a mitologia é uma sublimação da imagem da mãe. Estamos falando da Mãe-Terra. No Egito você tem a Mãe-Céu. A deusa Nut, representada como sendo toda a esfera celeste. (CAMPBELL, 1990, p. 175)

A figura da mãe e a terra ou todo universo, como vimos, desempenham funções muito parecidas e, ambas, possuem a energia geradora da vida. Dialogando com Campbell (1990), podemos comparar a terra e a mãe com uma “forma”, que vai dar origem a todas as outras formas existentes. Isso significa dizer que a fonte da vida dos seres humanos relaciona o corpo, na sua forma física, a energia que lhe sustenta e a sua consciência.

No quarto milênio, antes de Cristo, se intensificam as guerras entre os povos e como as mulheres eram privadas dessa atividade apenas os homens se dirigiam as batalhas. Com isso, muitos deuses guerreiros foram sendo criados e a simbologia da deusa foi ficando esquecida, mas ela reaparece de outra forma como explica CAMPBELL (1994, p. 181): *"A Deusa foi uma figura poderosa na cultura helenística do Mediterrâneo, e retornou com a figura da Virgem, na tradição católica romana."*

Na Grécia, a simbologia do nascimento virginal era muito recorrente e como o Evangelho de São Lucas é o único que faz referência ao nascimento virginal de Jesus, sendo Lucas Grego, provavelmente, essa forma de nascimento tenha ingressado no cristianismo a partir da cultura grega. Campbell (1990), analisando a trajetória das religiões ao longo da história lista três estágios que destacam a presença da deusa.

É exatamente isso. Eu vejo aqui três estágios. Primeiro o primordial, da Deusa, em que o homem é uma divindade pouco significativa. Depois a reversão, que é quando o homem assume o papel da Deusa. E finalmente o estágio clássico, quando os dois interagem, como acontece também, por exemplo, na Índia. (CAMPBELL, 1990, p. 183)

Por tanto, apesar do esforço feito pela classe masculina em rebaixar os preceitos que se tinha a figura da mulher, buscando apagá-la da cultura religiosa dos povos, muitas marcas foram deixadas e fizeram com que ambas as figuras, do homem e da mulher, se unissem como um só, mesmo com papéis diferentes, mas cada um com sua importância. Para Barros (2001),

A dominação do macho se tornou uma evidência quando ele impôs suas idéias, seu poder, sua força, suas leis... Entretanto, alguns povos se insurgiram contra esta ordem que se estabelecia e, embora se organizassem de forma patriarcal, não negaram à mulher seu lugar social, religioso e político (BARROS, 2001, p. 56)

É o império Greco-Romano que antecede o cristianismo, logo, a cultura grega exerceu grande influência sobre as religiões cristãs, principalmente no que diz respeito aos rituais, a idéia de sagrado e de profano e o culto a um único Deus. E algumas observações foram feitas a respeito da idéia de Sagrado a partir da participação sexual do homem e da mulher, como afirma Barros (2001),

Esse poder de inversão do profano em sagrado aparece claramente na polaridade que se tornou comum na filosofia grega: a passividade feminina, que se opõe à atividade masculina. Se a metafísica propõe um princípio passivo para a mulher e atribui ao homem um princípio ativo, este princípio se invertem, quando o que está em jogo é o sagrado e nele se insere o sexual. (BARROS, 2001, p.,61)

No ato sexual, o homem perde totalmente a razão e deixa-se levar pelos encantos das mulheres e, por isso, que a idéia de sagrado como sendo um culto a uma divindade se encaixa melhor para uma mulher, uma deusa, pois nesse e em outros vários casos é ela que se torna o

agente mais ativo. Ela consegue guardar o máximo de sacralidade. O cristianismo é resultado da insatisfação do homem por não alcançar fazer o que as mulheres fazem naturalmente.

O principal protagonista do cristianismo é Jesus, um judeu que como nenhum outro homem buscou reservar um espaço especial para as mulheres no mundo. A exemplo de Maria, sua mãe, que lhe concebeu virgem e é cultuada por muitos como Deusa. Foram narrados, também, momentos com Maria Madalena, que mesmo sendo prostituta encontrou graça diante de Jesus que lhe teve como amiga. De acordo com Barros (2001),

Dos vários judaísmos que se debatiam entre a religiosidade e a política, entre a austeridade dos costumes e o luxo, surgiram um judaísmo normativo, designado rabínico, e uma outra forma de judaísmo, o cristianismo, que se propagou pelos séculos e atingiu o Ocidente, enraizando-se como a religião do amor. (BARROS, 2001, p. 99)

Se pararmos para analisar, o que temos de diferente nas denominações pagão e cristão é a fé individual de cada um, mas o conceito geral é que todos nós somos pagãos. Esses rituais, são costumes e tendem a chamar-se de pagão ou paganismo os costumes de outros povos, de outros países, de outra religião. Então, de certa forma, aquela religião estrangeira, que vem de fora e não pertence a um determinado espaço cultural pode ser chamada de pagã.

4 MORGANA, GWENHWYFAR E O DUELO DAS RELIGIÕES

A obra “*As brumas de Avalon: o gamo-rei*” se trata do volume três, dos quatro volumes que compõe a saga escrita pela autora Marion Zimmer Bradley, onde narra-se as grandes histórias do Rei Artur na perspectiva do feminino, ou seja, a narração é feita por mulheres. Entre elas podemos destacar-se *Morgana*, a meia irmã do Rei Artur, *Gwenhwyfar*, rainha e esposa do Rei, e *Viviane*, conhecida como a *Senhora do Lago*.

São essas mulheres que dão desenvolvimento à narrativa, principalmente, no que diz respeito à religiosidade que deveria ser consolidada no reino. Para isso, torna-se necessário que se trave uma batalha entre as duas principais religiões presentes na Bretanha: o cristianismo, defendido por *Gwenhwyfar*, e o Druidismo matriarcal, defendido por *Morgana*. Ambas no desejo de que o seu culto se destacasse sobre o outro.

Entretanto, durante o romance as personagens percebem que precisam conquistar o Rei Artur para que os seus respectivos objetivos sejam alcançados. Então, a todo momento elas buscam de alguma forma persuadir o Rei, seja por meio da espada *Excalibur*, seja por meio de um filho, ou até mesmo em nome da própria fé. Nessa perspectiva, na narrativa uma das religiões precisa ser consolidada sobre a outra.

Morgana é retratada como uma sacerdotisa sagrada da *Grande Mãe*. Mesmo o romance de Bradley sendo dotado de muitos aspectos ficcionais, nele são retomados aspectos importantes da figura da personagem com a realidade, sobretudo da ligação desta com a cultura pagã que traz como aspecto principal o intenso culto à deusa que é a base do Druidismo matriarcal.

Não importava o que aquilo representaria para ela, nem a coragem com que suportava a prova, mas dificilmente o episódio poderia ser chamado de romântico. Eu dei minha virgindade ao Gamo-Rei... aquilo foi diferente. Desde a infância eu sabia o que me esperava, tinha sido preparada e criada no culto daquela Deusa que junta o homem e a mulher, seja no amor ou no desejo... Elaine foi criada como cristã e aprendeu a pensar na força da vida como o pecado original, que condenou a humanidade à morte... (BRADLEY, 1989, p., 108).

Observamos a afirmação de *Morgana* sobre a relação sexual que um dia tivera com o Rei Artur, mas também, de onde provinha suas crenças e sobre que religião ela fora educada. Esse aspecto é fundamental para compreendermos que *Morgana* fora educada para o cumprimento de uma missão: a persuasão do Rei Artur para o domínio da antiga religião de Avalon no reino da Bretanha.

Gwenhwyfar, por sua vez, é uma cristã fanática, de conceitos, extremamente, tradicionalistas e patriarcais, assim como, conformada à condição de submissão perante a figura masculina. É escolhida para se casar com o Rei Artur e, assim, tornar-se a grande rainha da Bretanha, entretanto, depois de casada se apaixona por *Lancelote* que é o principal cavaleiro do Rei Artur.

Não podendo dar um herdeiro ao Rei por ser estéril, conclui-se que estava a ser castigada por Deus, por possuir dentro de si um amor adúltero por *Lancelote*. Então, à fim de alcançar a remissão de seu pecado, decide tornar Artur o mais cristão dos reis, a partir deste momento, toma por missão a conversão de Artur da religião pagã para a religião cristã. Artur convencido por *Gwenhwyfar* impõe à Corte um estilo de vida cristão extremamente radical.

- Eu confessei os meus pecados – gritou *Gwenhwyfar*. – Fiz penitência e fui absolvida, não é pelos meus pecados que Deus nos castiga! Diga que você se confessará, Artur! Quando Deus lhe deu a vitória em Monte Badon, você jurou deixar de lado a velha bandeira do dragão, e governar como um rei cristão, mas não confessou esse pecado. Penitencie-se agora também disso, e deixe que Deus lhe dê a vitória neste dia, tal como fez em Monte Badon. Livre-se de seus pecados e dê-me um filho que possa reinar depois de você, em Camelot! (BRADLEY, 1989, p. 126).

A rainha *Gwenhwyfar* profere este discurso logo após descobrir do filho de Artur com a irmã *Morgana* e traz como solução a submissão do Rei Artur ante a doutrina católica no que diz respeito ao sacramento da confissão e a prática da penitência como forma de remissão dos

pecados e reconciliação com Deus. O Rei Artur, embora em alguns momentos, sinta-se confuso ante as duas religiões, em atenção à Rainha, sempre cede à religião cristã.

Morgana e Gwenhwyfar têm suas crenças muito bem definidas, de forma que o empoderamento que ao longo da narrativa é buscado não é de uma sobre a outra, mas sobre o Rei Artur. Em muitos momentos da obra é possível ponderar essa busca pela persuasão do Rei, na certeza de que a religião da corte seria facilmente difundida em toda a Bretanha, o que consolidaria o seu poder e seria eliminado qualquer perigo de supressão da mesma.

O Rei Artur, quando assumiu o reino de *Camelot* fez um juramento de observação à religião de Avalon e recebeu a espada das insígnias sagradas, símbolo máximo da religião celta, chamada *Excalibur*, entretanto, Artur, por influência da rainha *Gwenhwyfar*, aceita a religião cristã e nega a religião de Avalon, o que faz com que as disputas entre as mulheres se tornem ainda mais intenso.

4.1 O discurso de interdição

Para Michel Foucault (1996) define que na sociedade existem três procedimentos de exclusão discursiva: a interdição, a separação e a rejeição. Cada um desses processos circula em uma sociedade com critérios muito bem articulados. Na narrativa de *As Brumas de Avalon*, mediante uma análise crítica, é possível identificar a presença destes mecanismos ao longo do romance. Aqui nos deteremos ao que concerne a interdição. Foucault (1996) afirma:

[...] o mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p., 9).

O discurso da interdição consiste na impossibilidade de falar sobre algum assunto, seja pelo objeto que é tido como um tabu, seja pela situação ou espaço em que os falantes se encontram no momento da alocação, ou pela necessidade do silêncio em virtude da palavra estar sendo proferida por um sujeito prestigioso, é o caso do silêncio durante o discurso de um rei, neste momento, há uma interdição pelo direito privilegiado do sujeito que fala.

Na corte do Rei Artur na Bretanha, existe a situação dos três tipos de interdição na qual defende Foucault (1996). Há a interdição quanto às menções à religião antiga de Avalon e às blasfêmias contra o cristianismo que durante as celebrações das missas e as instituições

dos cavaleiros e durante os discursos do Rei Artur, sobretudo, na festa de pentecostes que reunia a todos os reinos vizinhos.

- Ora, Gawaine, e o que dirá você de todos esses padres que professam devoção à Virgem Maria, acima de tudo mais? Dirá que eles têm uma escandalosa devoção carnal ao seu Cristo? E, na verdade, ouvimos contar que Nosso Senhor Jesus Cristo não se casou nunca, e que entre os doze por ele escolhidos havia um que se reclinou em seu peito, na ceia...

Gwenhwyfar deu um grito, chocada:

- Morgana, cale-se! Que brincadeira blasfema! (BRADLEY, 1989, p., 39-40).

Há, neste fato, a presença do discurso de interdição pelo tabu do objeto. *Camelot* agora era um reino cristão, ofender a Cristo era algo extremamente inaceitável, sobretudo, vindo de *Morgana* que tinha por objetivo estabelecer a religião da deusa em *Camelot*, a começar pelo Rei Artur. Logo, nessa perspectiva, qualquer que fossem os discursos proferidos a ofender a religião cristã ou a ressaltar a religião pagã, seria interdito.

4.2 As relações de poder

Morgana e *Gwenhwyfar* seguem ao longo da narrativa entre contendidas, objetivando, de qualquer forma, que a religião de uma se sobrepusesse sobre a da outra. Mesmo *Morgana* sabendo que a sua situação era mais difícil, em virtude da submissão do Rei Artur à vontade da rainha *Gwenhwyfar*, não desiste, pois, julga que mesmo o Rei se submete à vontade da deusa e que tudo quanto estava acontecendo estava sob o controle dela e teria um resultado positivo.

Entretanto, cada vez mais a religião cristã ganha força no reino pela intervenção de *Gwenhwyfar*, de forma que, o que era imposto pelos padres, a corte inteira seguia, a começar pelo próprio Rei Artur. Este fato é perceptível claramente ao longo do romance, como, por exemplo, mostra a fala de Artur quando a rainha quer saber o que o bispo havia imposto como penitência ao pecado cometido com *Morgana*.

- Bem, já que você insiste – disse com impaciência –, o bispo acha que meu pecado é tão grave que não me pode absolver com penitências comuns, e como era isso o que você queria de mim, bem... – estendeu as mãos, com ar cansado. – Por isso, venho à festa de Pentecostes com minha camisa e sem minhas belas roupas, e terei de jejuar e dizer muitas orações até ter cumprido toda a penitência. Mas seus desejos foram atendidos, *Gwenhwyfar*. (BRADLEY, 1989, p., 138).

Observando as relações de poder abordada por Foucault (1996) percebe-se aqui que a religião cristã já está completamente presente na vida do Rei Artur e, conseqüentemente, na vida da corte, em virtude da influência da rainha *Gwenhwyfar*. O Rei já se submete

inteiramente ao domínio dos padres para, assim, atender aos desejos de sua esposa. Nesse contexto, a religião cristã ocupa o polo de poder sobre a religião pagã.

Nesta perspectiva, *Gwenhwyfar* se apodera do inteiro domínio do reino e a religião cristã se sobrepõe sobre a antiga religião de Avalon. Este fato se torna ainda mais perceptível quando a *Senhora do Lago*, *Viviane*, é assassinada no dia da festa de Pentecostes diante do Rei Artur e de toda a corte, e não é enterrada nas terras de Avalon, mas, em rito cristão pelos padres e em terras cristãs, conforme relata à personagem *Morgana*:

*Quatro dias depois, Viviane foi enterrada, com todos os ritos da Igreja, na ilha sagrada de Glastonbury, mas eu não compareci.
Jurei nunca pôr os pés na ilha dos padres.
[...] Assim foi Viviane vingada, foi o que disse uma canção feita sobre o caso. Mas que vingança é essa, se ela está enterrada num túmulo cristão? (BRADLEY, 1989, p., 70).[†]*

A religião de Avalon apagada, enterrada, pela religião cristã, simbolizada pela *Senhora do Lago* que é enterrada em terras cristãs. Nessa perspectiva, se consolida o empoderamento da religião cristã e de *Gwenhwyfar* sobre o Rei Artur e sobre o reino de *Camelot* havendo a supressão do paganismo na Bretanha e a afirmação do cristianismo como religião única e oficial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi desenvolvida a análise dos discursos de empoderamento religioso, na obra *As Brumas de Avalon – o Gamo-Rei*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley. A abordagem feita parte de uma interpretação acerca das relações e dos discursos de poder, assim como, as ideologias cristãs e pagãs. Logo, a pesquisa intitulada *Na ordem do empoderamento feminino religioso através d' As Brumas de Avalon: o Gamo-Rei* listrou um estudo feito com base no perfil religioso das personagens estudadas, levantando, para isso, características das mesmas e das realidades culturais marcadamente expressivas na obra escolhida.

Nesta linha de pensamento, graças aos estudos sobre a Análise do Discurso é que foi possível compreender e observar a trama das personagens, *Morgana e Gwenhwyfar*, para que suas respectivas religiões fossem consolidadas. Ambas queriam exatamente aquilo que ainda não possuíam por completo, isto é, o empoderamento religioso pelas suas crenças, visto que aquela religião que não se solidificasse, a qualquer momento poderia sucumbir

[†] A citação encontra-se em itálico de forma fidedigna ao original.

A pertinência e a relevância desta pesquisa justifica-se, juntamente, com a autora Marion Zimmer Bradley, reviver as marcantes histórias do Rei Artur e poder analisar os discursos das demais personagens que lhe cercavam, e que eram conscientes de que sozinhas não poderiam alcançar seus objetivos que usando a figura do Rei obteriam êxito e faz com que levantemos uma reflexão sobre a realidade, onde muitos se unem as pessoas de alta classe social no intuito de alcançar seus próprios desígnios.

Concluimos que apenas ao fazer uso de um raciocínio crítico é que foi possível assimilarmos os caminhos discursivos traçados por cada personagem no romance trabalhado, assim como, os caminhos discursivos traçados pelas pessoas na vida real nos mais diversos espaços da vida social, seja político, religioso, educacional, cultural, pois todos estão repletos de significâncias que nem sempre os mais aguçados dos nossos sentidos podem detectar.

Afirmamos, ainda, no texto da Marion, que de acordo com nossas deduções iniciais, em todo o romance há uma disposição por parte das personagens em afirmar a sua religião e sua crença no reino da Bretanha, entretanto, a religião cristã obtém êxito, em virtude da força de persuasão da personagem *Gwenhwyfar* sobre o Rei Artur e, assim, o reino de *Camelot* é efetivado como cristão e a antiga religião de Avalon é, profundamente, enfraquecida.

Como pesquisadores foi uma surpresa para nós, quanto à formação acadêmica, investigarmos e descobrirmos, por meio da Análise do Discurso, que a figura feminina esteve presente em grandes obras e atuando como protagonista em um lugar de destaque, mesmo que para isso, precisemos recorrer a obras internacionais. Não foi por acaso que o romance *As Brumas de Avalon* esteve entre os *best-sellers* e foi o *corpus* de nossa análise neste artigo.

Com a publicação do romance da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, podemos observar a tendência, por parte da autora, de publicar uma narrativa que busca protagonizar a figura feminina dentro da literatura. Outras personagens femininas importantes no texto de Marion que são importantes para uma reflexão sobre os papéis femininos no romance, são as irmãs Igraine e Viviane, a primeira sendo mãe de do rei *Artur e Morgana* e a segunda, sendo a Senhora do Lago.

Se fizermos uma análise em vários textos literários chegaremos à conclusão de que, a maioria dos textos narram histórias de homens e as histórias são contadas por homens, enquanto que a mulher vai sendo apagada ou participa como sendo submissa ao homem, isso acontece tão naturalmente que as vezes nem percebemos e, assim, caímos no perigo da história única, que nem sempre nos oferece a verdade que buscamos.

À literatura de autoria feminina que trata do tema das relações de poder e dos discursos de empoderamento religioso entre familiares que convivem em um mesmo espaço

social, onde diferentes pontos de vista são colocados a prova na busca de sua aceitação ou rejeição, proporcionou novos meios de apresentar as relações sociais dentro dos textos literários.

Portanto, vislumbramos, na obra de Marion, uma literatura que objetiva, atingir um grande público leitor, principalmente, os apreciadores das narrativas que retomam as fantásticas histórias do Rei Artur e que para compreenderem melhor o que está por trás de cada discurso proferido pelas personagens necessitam fazer outras leituras complementares e assim de forma crítica poder argumentar sobre as situações apresentadas no texto.

RÉSUMÉ

Analyser le discours, c'est essayer d'identifier et, en même temps, comprendre les idéologies implicites dans une certaine production discursive. Chaque discours est doté d'interpellations personnelles qui restent, bien sûr, en parlant ou en écrivant sur quelque chose. Dans ce domaine de recherche, il y a la possibilité de rechercher des vraies discussions par les gens, par exemple, des politiciens, des journalistes, etc., ainsi que les discours des personnages dans le cas du domaine de la littérature. Nous vous proposons dans ce travail la fin du cours, analyser et interpréter la puissance du discours des personnages Morgana et Gwenhwyfar dans le roman «Les Brumes d'Avalon: le Roi-faucon » par Marion Zimmer Bradley, sur le roi Arthur, en ce qui concerne la parole l'autonomisation religieuse de l'ancienne religion d'Avalon par le personnage Morgana, et la religion chrétienne par le personnage de Gwenhwyfar. Notre cadre théorique est basé sur les travaux de Foucault (1996), Maingueneau (2015), Revel (2005), Campbell (1990) et Barros (2001). L'analyse nous a montré que dans le texte de Marion, que selon nos déductions initiales dans le roman il y a une volonté de la part des personnages en déclarant leur religion et leur croyance dans la Bretagne, cependant, la religion chrétienne est réussie, en raison du pouvoir Gwenhwyfar caractère persuasion du roi Arthur et donc le royaume de Camelot est effectué en tant que chrétien et la vieille religion d'Avalon est profondément affaiblie.

Mots-clés: discours de pouvoir. Les brumes d'Avalon. Religion chrétienne.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As Deusas, as bruxas e a igreja: séculos de perseguição*. In: **Entre a Deusa e o Deus**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2001, p., 54-111.
- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon**: v. 3. o gamo-rei. Tradução de Waltensir Dutra, Marco Aurelio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. In: **A dádiva da Deusa**. (Org.) FLOWERS, Betty Sue. São Paulo: Palas Athena, 1990, p., 175-193.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

MANGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.